

# POVO ALGARVIO

SEMÁNARIO REGIONALISTA



A VENCIDA

EDITOR E PROPRIETÁRIO  
**MANUEL VIRGÍNIO PIRES**

Redacção e Administração  
Rua Dr. Parreira, 11 — TAVIRA

DIRECTOR

**ISIDORO MANUEL PIRES**

ASSINATURAS

Série de 10 números—No concelho de Tavira... 8\$00  
—Para outras localidades... 9\$90

Composição e Impressão

Tipografia Socorro—Vila Real de Santo António

## Efemérides Portuguesas

A 14 de Dezembro de 1858, o deputado e eminente orador político José Estêvão pronunciou no Parlamento um dos seus mais impressionantes e eloquentes discursos, exprobando o procedimento do Governo francês exigindo, prepotente e injustamente, do Governo português, uma indemnização de 62.828\$00 e a entrega do navio *Charles et Georges*, que nas costas de Moçambique fora aprisionado por se encontrarem a seu bordo negros desta proveniência, comprados como escravos para Madagáscar.

Aquela atitude fora extremamente insólita, pois as potências europeias, reunidas no Congresso de Viena (de 1814) haviam-se comprometido a unir os seus esforços contra o tráfico dos escravos, «comércio odioso, tão altamente condenado pelas leis da religião e da natureza». Em Portugal, há muito que se publicavam leis humanitárias, em relação aos escravos. Anos antes deste lamentável incidente, um governo de D. Pedro V havia já adoptado as necessárias medidas legais para que fosse totalmente extinta a escravatura nas nossas colónias.



Igreja de Nossa Senhora do Livramento

## Nossa Senhora do Livramento

Aproxima-se o Natal. Inicia-se a novena do Menino-Deus, e a igreja de Nossa Senhora do Livramento, padroeira dos pescadores, reabre para celebrar a tradicional festa em sua honra.

A novena teve o seu início no passado dia 16 do corrente e a festa realiza-se no próximo dia 26 do corrente.

Um grupo de gentis senhoras e meninas desta cidade entoará durante as devoções cânticos religiosos.

Como de costume, no dia 26, à tarde, sairá a procissão, que percorrerá o itinerário do costume, sendo acompanhada em todo o seu percurso pela excelente Banda de Tavira.

## Uma Carta

Do sr. Dr. José Ortigão Sanches, ilustre presidente da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António e nosso prezado assinante, recebemos uma carta, que noutro local gostosamente damos à luz da publicidade.

## Por esse Mundo fóra...

A Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas aprovou por 39 votos contra 14 e 6 abstenções, a proposta de internacionalização de Jerusalém. A reacção foi enorme por parte do representante de Israel na referida Organização, do povo judeu em Jerusalém e do governo presidido por Ben Gurion que convocou a reunião do ministério, com urgência.

● Em Estocolmo, na sala dos concertos e com a assistência de mais de duas mil pessoas, o príncipe herdeiro Gustavo Adolfo entregou os prémios Nobel de Física, Química e Medicina. O maior cirurgião de cérebro da Suécia enalteceu os trabalhos do suíço Hess e do nosso Egas Moniz, trabalhos que permitiram uma das descobertas mais importantes na terapia psiquiátrica.

● Um telegrama dimanado da Cidade do Vaticano noticia que um antigo anarquista italiano entregou ao Papa o punhal com que pretendeu assassina-lo, pedindo-lhe perdão. O Chefe da Igreja perdoou-lhe, visto o ex-combatente da guerra de Espanha estar sinceramente arrependido, tendo em 1947 abraçado a religião católica.

● A guerra civil chinesa continua sem esperança de uma trégua para breve. Segundo telegramas recentes, os comunistas têm tido alguns êxitos; mas, por outro lado,

os nacionalistas também noticiam vitórias em vários pontos do campo de batalha, que é bem extenso. Entretanto, o delegado chinês na O. N. U. insiste que a Rússia seja condenada pela violação do tratado sino-soviético.

● Numa carta dirigida ao governo, os prelados checoslovacos reclamam a revogação das leis relativas à instrução religiosa e à nomeação dos sacerdotes, pedem que a administração das paróquias seja de novo entregue ao clero e solicitam aos representantes do povo que compreendam que o clero não pode agir contra a lei de Deus e ao Governo que deixe de violar os direitos da Igreja.

● Lutar contra o comunismo e auxiliar os movimentos operários nos países de economia pouco desenvolvida, eis os dois principais objectivos da nova Internacional Sindicalista, saída de uma reunião efectuada em Londres pelos representantes não comunistas. A nova organização opoe-se à Federação Mundial Operária, cujas tendências são ostensivamente comunistas.

IMPARCIAL

**TAVIRENSES:**  
Auxiliai o vosso Hospital

## Ao Dr. Júlio Dantas Foi prestada uma Grande Homenagem

Ao sr. Dr. Júlio Dantas, laureado escritor, ilustre presidente da Academia de Ciências de Lisboa, foi pela Academia Brasileira de Letras prestada uma grande homenagem, a única até hoje prestada por aquela academia. Na própria sala das sessões, foi colocado o seu retrato a óleo. Em seguida, foi enviada uma gloriosa mensagem, subscrita pe-



Dr. Júlio Dantas

los mais categorizados membros da Academia Brasileira ao distinto homem de letras.

Daqui, nos associamos à brilhante manifestação que acaba de ser prestada à eminente figura de algarvio, que é o Dr. Júlio Dantas.

## CONCURSO DE QUADRAS

Hoje, realiza-se em Faro, na sede do Sport Lisboa e Faro, um interessante concurso de quadras populares.

A quadra que alcançar o 1.º prémio será escolhida para mote dos jogos florais a realizar no dia 1 de Janeiro de 1950.

Esta festa será seguida de baile, abrilhantado pela orquestra privativa daquele clube.

## ROUBO

Foi posto em liberdade o Joaquim Lopes, suposto autor do roubo da Ourivesaria Mansinho e preso o verdadeiro ladrão, o soldado António Ramalinho, de Castelo Branco.

No próximo número do nosso jornal nos referiremos ao assunto, visto, não termos podido colher a tempo os elementos necessários.

## A Parada Militar em Faro GRANDE ACONTECIMENTO

A Parada Militar a exhibir-se em Faro, por ordem e iniciativa de Sua Excelência o Sr. Ministro da Guerra, tem foros de grande acontecimento. E, assim, não podemos deixar de lhe endereçar estas linhas tão singelas.

Salazar, em 1937, numa reunião de oficiais de todas as patentes que o foram cumprimentar, disse: «dentro de dois anos teremos um exército moderno, modelar e eficiente.

Se bem o disse — melhor o fez... Hoje — dia 18 — a capital algarvia presenciará uma deslumbrante parada militar — a todos os títulos interessante — na qual toma parte uma pequena, mas importante, fracção do moderno Exército Português.

Ver-se-ão as nossas tropas marchar, com garbo, ao som de marchas militares ou do rufar dos tambores, perante o povo. Este ficará deslumbrado ao ver e presenciar tão grande e soberbo espectáculo, que o encherá de orgulho e satisfação. O sangue a ferver-lhe nas veias indicará-lhe-á ao pensamento os nossos heróis de outrora, cujo reflexo está projectado e patente no patriotismo, no brío e nas armas do nosso moderno Exército. Os disciplinados soldados marcharão hirtos, alegres e satisfeitos; os modernos engenhos de guerra passarão altaneiros com seus balsões desfraldados — indicando que o temor não existe. Então todos os olhos fixarão atentamente a grandiosidade que se lhes deparou e cujo choque lhe tocará no âmago, avivando-lhes a sensibilidade.

Estas paradas militares radicam bem a ideia que levou o Chefe, sem par, a criar um Exército de «qualidade», adaptado às possibilidades financeiras da Nação, baseado numa rigorosa selecção física e uma sólida instrução; Exército alçado ao valor individual do soldado, perfeitamente integrado na Nação para incutir e manter o espírito patriótico e a ideia do dever.

Necessárias são sempre estas Paradas, em maior ou menor escala, que o Governo da Nação, por intermédio do sr. Ministro da Guerra, se empenha em fazer, para que o proverbial espírito guerreiro do soldado lusitano se não torne inglório, à mingua dos meios de acção, pois, além de ser um excelente e justíssimo meio de propaganda a favor do Exército, é um confortante moral para todos os patriotas ficarem apreciando o elevado grau de eficiência e do espírito de sacrifício do mesmo, criando, assim, na alma popular, as raízes de todo o amor e de toda a dedicação pelo maior e mais forte bastião e esteio da Pátria.

Aproveitamos o ensejo para intercalar nestas linhas algumas palavras sobre o Exército — antes da Revolução Nacional do «28 de Maio».

Até essa data não tínhamos um Exército propriamente dito, pois não havia disciplina nem coesão nas fileiras, e, nem tampouco os seus quadros eram compostos de oficiais que, conquanto fossem ilustres, não tinham a devida experiência da táctica moderna e adequada. No geral, a táctica que mais os ilustrava era a política partidária dentro da caserna, faltando só, que, à maneira da Rússia, a soldadesca tratasse os superiores por tu, quando se encontrassem na rua, ou fora de qualquer serviço militar, mesmo no mais pequeno intervalo de qualquer exercício.

O melhor e mais selecto material de guerra que existia era destinado a revoluções sangrentas e a derrubar governos. As melhores carabinas e pistolas de guerra eram distribuídas pelas hostes tigrinas do «Pintor», do «Dente de Ouro», do «Palmela Arrebenta» do «Ai O' Linda» e de outros sacripantas do mesmo jaez.

Nesse tempo os homens responsáveis pela Governação Pública, perante os desregramentos e as imoralidades que compravam, desiludidos e sem fé, não vislumbravam para o futuro da Pátria, horizontes vastos e limpos, onde se esboçasse uma promessa de ventura.

Sofria-se o embate amargo de idealismos destrutivos e respirava-se uma atmosfera impregnada de miasmas.

Perdura-se, a bem dizer, a noção da honra colectiva, e a própria Independência Nacional, abandonada aos caprichos do acaso, mantinha-se por tolerância dos estranhos ou defendia-se com argumentos românticos que, além fronteiras, despertavam a ironia de sorrisos complacentes, quando não o próprio escárnio humilhante.

Pairavam sobre os nossos destinos as mais negras ameaças.

Era este o panorama que se oferecia aos que atingiam a idade de traçar um

rumo à vida, e talvez por isso se discutiam com frequência as vantagens e inconvenientes de profissões, estabelecendo-se comparação entre os empregos civis e a carreira militar.

Possivelmente, alguns factos, considerados como pequenos nada, mas que, alterando bastante a fisionomia das forças armadas, no fundo, revelavam tendências para um comodismo incompatível com o exercício da função militar, concorressem para a confusão notada e, por tanto, para tão baixa cotação passasse a ser atribuída ao conjunto de dotes que definem a verdadeira personalidade fadada para os grandes sacrifícios da disciplina, da abnegação, do arrojo e da firmeza de carácter.

A função militar atravessou então uma crise de abandono, de desprezo e de vexame.

Graças, porém, à intervenção arrojada de alguns oficiais, últimos redutos que afloravam naquele preamar de ignomínias, a derrocada findou; o ambiente modificou-se precisamente em boa altura.

Toda a formação do moderno soldado decorreu em período abençoado, de redenção, em febril actividade construtiva, por virtude da qual Portugal é hoje uma Nação que se respeita. «Ser militar» deixou de considerar-se uma frase despida de significado, embora a noção sólida do seu valor só verdadeiramente a possuam aqueles que são obrigados a manter rígido e inalterável o nervo vital das organizações militares — a disciplina.

Para isso, hoje, o oficial não obdica dos seus deveres e faz respeitar os seus direitos, precisando contudo manter-se sempre irrepreensível no seu porte, nas suas atitudes, nas suas palavras, na escolha dos meios que frequenta.

Toda a sua vida particular e pública é reflectida na profissão que abraça, como um sacerdote, pois a sua conduta exemplar, distinção, aprumo, consciência, calma, coragem, espírito de justiça, saber e dedicação estão sob a honra da farda que tão galhardamente veste.

A carreira das armas não se pode pôr em pé de igualdade com qualquer outra profissão; erro desculpável entre pessoas ignorantes ou de fraco entendimento, mas não noutras esferas, de gente culta ou pretensamente intelectual, onde a confusão que por vezes se procura estabelecer só pode traduzir ideias condenáveis ou despeitos de vária ordem.

Hoje, o oficial vela pelo prestígio da sua carreira, sobretudo nesta hora de sérias preocupações provocadas pela alarmante e inquietante agitação do mundo.

Evocando nestas linhas quanto de honroso e patriótico para o Algarve foi a deliberação e iniciativa de Sua Excelência o Sr. Ministro da Guerra de mandar efectuar a Parada Militar, que hoje se exhibe em Faro, seja-nos permitido exaltar que, observando de perto a actividade do organismo que representa a mais fiel garantia da Honra Nacional, o povo tome um contacto proveitoso e que possa constatar com visível satisfação a útil aplicação dos tributos com que mantêm a existência do seu Exército, desde que este se encontre apto — como hoje — a, cumprir eficientemente o seu dever.

Manuel Francisco Contreiras Júnior

## FUTEBOL

Lusitano, 2 — Elvas, 1

Como previramos, o Lusitano passou, pela tangente, em sua casa, uma casa fria, tanto no termómetro, como na ausência de entusiasmo na falange de apoio.

O Lusitano venceu, mas não convenceu ninguém, nem mesmo os seus mais ferrenhos adeptos, que saíram do campo quase indiferentes à luta presenciada. Pode, mesmo, dizer-se, que provocou maior emoção o golo do Benfica, a 300 klms. distância que a T. S. F. anula, do que as apitadelas finais de Vila Real.

De facto, o Lusitano não revela qualquer subida de forma, por ligeira que seja, a augurar melhor passado nas jornadas decisivas, que tem pela frente. Se formos a pesquisar a causa desta crise, não podemos imputá-la ao desvel dos homens, individualmente considerados. De facto, a baixa de forma

(CONCLUI NA 4.ª PÁGINA)



## PELA CIDADE

**Missa Cantada**—No passado domingo, realizou-se na igreja de Santa Maria do Castelo, a habitual missa Conventual que foi celebrada pelo Reverendo sr. Prior Domingos Duarte, da Luz de Tavira.

No coro, um grupo de alunos do Curso de Sargentos Milicianos, acompanhados ao harmonium pelo sr. Joaquim Vieira, de Braga, e ensaiado pelo exímio artista, que é o Reverendo Domingos Duarte, executou magistralmente a Missa de Bossi, que foi muito apreciada pela assistência.

**Farmácia de Serviço**—Encontra-se de serviço urgente durante a corrente semana a Farmácia Aldomiro de Sousa.

**Teatro António Pinheiro**—Espec-táculos da Semana.

Hoje, apresenta a 2.ª Jornada de «Roccambole» *A Desforra de Baccarat*, com Pierre Brasseur e Sophie Desmarets, onde tem o seu desfecho a luta sem tréguas que se trava entre Roccambole e a sua companheira de infância — Baccarat, a qual acaba por vencer o austro inimigo. Como ela lança mão de todos os meios para dominar o seu rival e como ele se consegue livrar das armadilhas, até que... E como o amor tudo vence, afinal.

Em complemento, a mais engraçada das comédias — *Barbas Conquistadoras*, com um elenco de 1.ª ordem, que inclui as conhecidas atrizes francesas Colette Darfeuil, Jacqueline Prevot e os artistas italianos Clara Giusti, Enrico Viarisio, Paolo Stoppa, Luigi Almirante e Ramolo Costa.

Quarta feira, 21, *Férias Perigosas*, a mais dramática aventura no mais emocionante filme, com Pat O'Brien, Ruth Warwick e Alan Hale.

Intriga no México homens de almas empedernidas. Idílios, ao som da rumba Pat O'Brien, no auge da glória. Um drama sensacional — *A História de uma Quadrilha Internacional*... e de bonitas mulheres... em busca de aventuras. Um grande elenco. Um êxito sem precedentes. Cenas inesquecíveis, filmadas na cidade do México.

Sábado, 24, uma comédia chistosíssima e picaresca ao máximo, com Charles Boyer e Jennifer Jones, reunidos, pela primeira vez, neste filme, que é uma apimentada história extraída da novela que fez rir dois continentes, produzido e dirigido pelo mestre da malícia, Lubitsch, cujo nome é uma garantia de êxito — *O Pecado de Cluny Brown*.

Incrível! Impagável!

## Coronel Correia dos Santos

Faleceu há dias na Capital o nosso ilustre conterrâneo sr. Coronel João António Correia dos Santos.

O extinto contava 75 anos de idade e deixa viúva a sr.ª D. Maria Carlota Martins Correia dos Santos, e era pai das sr.ªs D. Maria Bárbara Correia dos Santos Leote, D. Maria José Correia dos Santos Guimarães e do sr. João Correia dos Santos.

O Coronel Correia dos Santos, tinha o curso do Estado Maior, foi professor de ciências físico-químicas do Colégio Militar, durante muitos anos. Fundou o laboratório Farmacológico de Lisboa, publicou várias obras, estudos militares, livros de viagem, etc.; tendo-se dedicado muito ao jornalismo, colaborando em diversos jornais da Capital e da Província.

Durante algum tempo, também colaborou no nosso jornal.

O falecido possuía várias condecorações nacionais e estrangeiras e era sócio de numerosas colectividades.

A família enlutada endereçamos sentidos pesames.

## Pela Província

## Santo Estêvão

Teve a sua delibração, dando à luz uma criança do sexo feminino a sr.ª D. Maria Cândida Cayaco Estêvão esposa do sr. José Cipriano Estêvão de Mendonça, proprietário, desta freguesia. — e.

## As Aspirações de Vila Nova de Cacela

## Uma Carta do Sr. Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Vila Real de Santo António, em resposta aos artigos do Sr. Manuel dos Santos Cabanas

Sr. Director do Jornal «Povo Algarvio» — Tavira.

Tem vindo a publicar o jornal da digna direcção de V. uma série de longos artigos, assinados pelo sr. Manuel dos Santos Cabanas, sobre a freguesia de Cacela, pertencente a este Concelho.

Se o assunto tivesse sido tratado com a devida ponderação e serenidade, teria merecido, desde o início, o esclarecimento a que tem direito qualquer pessoa que, embora conterrâneo apenas por nascimento, deseja o progresso da terra que lhe foi berço. Não foi esse, porém, o caso do sr. Cabanas, que, desde o primeiro artigo, sem o mais leve conhecimento da causa que pretende defender, se lançou numa campanha espectacular do mais velho e dissolvente sabor, para invectivar os habitantes da sede do Concelho e as pessoas que têm tido responsabilidade na administração municipal, concluindo na peregrina ideia, ou ameaça, da segregação da freguesia a este Concelho para a oferecer ao de Tavira.

Entendi que, posto o assunto com esta deslealdade e falta de critério, o silêncio era a única coisa que o bom senso podia aconselhar a quem não estivesse disposto a servir o interesse, mais ou menos confessável, que o autor do artigo perseguia com a sua publicação.

A insatisfação é característica dos bons quando consciente e construtiva; é, contudo, elemento dissolvente de desagregação quando se funda apenas na ignorância, na maldade ou na calúnia.

Pode ser que não seja assim, — os escritos do sr. Cabanas são um tanto ou quanto desconcertantes, — mas a maneira como põe os assuntos dá o direito de supor que é uma daquelas muitas pessoas que, à falta de méritos próprios que as elevem na consideração dos seus semelhantes, procuram rebaixar os méritos alheios com o fim de que ressalte menos a sua insignificância.

Não pode ser assim. As pessoas sobem — ou devem subir — na consideração dos outros, mercê da sua inteligência e do seu trabalho honesto e não pela pouca escrupulosa crítica de verdadeiros, ou inventados, erros dos outros. Todos os homens erram, mas a desgraça dos outros só pode servir de consolação, ou de degrau, áqueles que... nem são capazes de errar.

Não sei quais sejam os méritos que, em benefício de Cacela ou da colectividade, acreditem o sr. Cabanas como pessoa capacitada para tanto exigir ou impôr aos outros. Uma coisa sei, porém: é que, com méritos ou sem eles, não tem o direito de vir a público com os impropérios com que mimoseou as pessoas que aqui vivem.

Vila Real de Santo António não nasceu no tempo de D. Afonso Henriques, ou de D. Paio Pires Correia, mas ninguém poderá negar que os seus habitantes têm sabido aproveitar bem os curtos 175 anos da sua existência, pois, mercê exclusivamente do seu esforço e tenacidade, têm sabido engrandecê-la cada vez mais e fazer dela uma das melhores e mais importantes povoações do Algarve.

Apesar da adversidade que a tem perseguido — desaparecimento da sardinha da nossa costa, imprevidente denúncia do tratado de comércio luso-espanhol e hermetismo económico a que nos conduziram as guerras, em especial a guerra civil do País visinho — creia o sr. Cabanas que, embora isso contrarie os seus desejos e vaticínios, os vilarrealenses não só não deixarão morrer a sua

terra, como terão o valor, a energia e o bom senso suficientes para não deixarem cair a curva ascendente de prosperidade que até aqui se tem observado, e que saberão mantê-la ao nível das mais progressivas povoações da nossa Província e até do nosso País.

Até aqui está o que qualquer vilarrealense deve responder às agressivas e enxovalhadas palavras com que o sr. Cabanas a todos nos distinguiu.

O Presidente da Câmara vai agora, só porque os leitores do «Povo Algarvio» e os munícipes lhe merecem essa consideração, explicar a sem razão das queixas apresentadas pelo sr. Cabanas com o título sugestivo e atraente de *Aspirações de Cacela*. Não lhe sobra o tempo nem a saúde para o fazer, mas ficar calado, depois de tanto barafustar, poderia ser interpretado erradamente, no sentido de que nada havia a dizer.

Desejo em primeiro lugar salientar que o assunto está mal posto desde o início. Não se deve comparar alhos com bugalhos, como vulgarmente se diz, porque Cacela, Monte Gordo e Vila Real são povoações inteiramente dispareas, cujo desenvolvimento tem de fazer-se proporcionalmente e nunca por igual.

Procure-se saber se os outros concelhos do Algarve, ou do País, têm feito mais pelas suas freguesias rurais do que Vila Real fez pela de Cacela, porque só assim poderá dizer-se, com fundamento, se a nossa freguesia rural acompanhou o progresso que a Situação que nos governa espalhou por toda a parte.

A permanência do sr. Cabanas em Lisboa permitia-lhe ter observado, por exemplo, os concelhos que a rodeiam. Teria visto, como eu vi, que há muita coisa a que não pode chegar ainda a vez e que há aspirações irrealizadas, bem mais importantes e essenciais, em núcleos populacionais que são verdadeiros arrabaldes da capital do Império. No entanto, ninguém poderá dizer, com verdade, que ainda nada se fez.

E' que Roma e Pavia não se fizeram num dia e o sr. Cabanas deve ser do tempo em que não se podia ir de Vila Real a Cacela, *pela estrada nacional* (1), senão de carro ou a cavalo, porque o único automóvel que então havia no Concelho partia duas ou três molas cada vez que fazia o trajecto. De então para cá que diferença, sr. Cabanas! E, no entanto, quantos ainda suspiram por esses tempos de execravel memória, dizendo umas vezes que se gasta de mais e exigindo, outras, que estejam esgotadas já todas as aspirações legítimas... e até aquelas que não têm pés nem cabeça.

Antes de proceder à enumeração do que se tem feito e pensa fazer em Cacela, desejo deixar bem assente e esclarecido que o Concelho de Vila Real não é tão rico como o sr. Cabanas e muitos outros pretendem. Acumulou a sua Câmara Municipal um saldo relativamente importante durante o período de estudo e elaboração dos projectos das muitas e importantes obras que se impunha realizar.

A medida, porém, que eles se foram executando, sem haver solução de continuidade na concepção de outras, o saldo foi desaparecendo e, se continuar a haver dificuldade em conseguir empréstimos, só à custa de novo período de inatividade e amealhamento poderá abalançar-se a novos empreendimentos de vulto, que tem forçosamente de considerar, como seja a electrificação e a terminação da rede de esgo-

tos, para só falar dos mais urgentes.

Terá o sr. Cabanas tratado alguma vez de se informar do rendimento da freguesia onde tanta coisa entende que devia estar feita? Se o não conhece, não devia falar tão à vontade; se não ignorava, está na iminência de que a Câmara Municipal e os munícipes de Tavira, a quem quis fazer a oferta, se considerem ludibriados e lhe digam que têm lá outras muito melhores e que, mesmo assim, lhe saem muito caras.

Deixemos falar os números, que são os que não enganam. Dizem respeito a 1948, porque os de 1949 ainda não são totalmente conhecidos:

De contribuição predial urbana Esc. . .	4.678\$00
De contribuição predial rústica Esc. . .	29.512\$00
De contribuição industrial Esc. . .	5.143\$20
Total Esc. . .	39.333\$20

Interessará também ao sr. Cabanas conhecer quanto, sem nada ter feito, a Câmara Municipal gastou em Cacela no mesmo ano? Ai vai:

Subsídio à Junta de Freguesia . . .	3.000\$00
Tratamento de doentes pobres . . .	20.621\$50
Iluminação . . .	600\$00
Coveiro . . .	3.744\$00
Expropriação de terrenos para escolas	38.247\$20
Reparação de estradas . . .	9.000\$00
Cantoneiro . . .	4.680\$00
Regedor . . .	360\$00
Rendas de casas das escolas . . .	5.700\$00
Projectos (estradas e electrificação) . . .	20.651\$76
Total Esc. . .	106.604\$46

E' preciso notar que nas verbas acima descritas não está incluída a despesa com o internamento de doentes no Hospital local, nem as despesas com o pessoal administrativo, nem com repartições públicas, cadeia, casas dos magistrados, etc.

Dispensou-me de encontrar o valor do saldo e de lhe colocar o respectivo sinal.

Esqueci-me de mencionar no haver da freguesia o benefício que nos faz — na opinião do sr. Cabanas, bem entendido — de lhe consumirmos o que produz. Melhor dito, deixo essa parte para que os leitores a coloquem no lugar que entenderem, porque talvez sejam capazes de pensar que a proximidade de um centro consumidor beneficia a quem vende e não a quem compra.

Uma pergunta me ocorre, para finalizar: quando o Governo aprovasse a segregação preconizada, seria Tavira que passaria a receber essa dádiva?

Como Cacela está tão distante de uma como de outra povoação, e não existe impedimento legal, porque não tenta o sr. Cabanas convencer os seus conterrâneos de origem a fazerem rumo para poente com os produtos? Era uma sanção económica bem aplicada a estes ingratos habitantes de Vila Real, que começariam — enfim! — a sofrer as consequências do pecado original cometido pelo odioso Marquês, preferindo a barra do Guadiana à barra de Cacela.

Passemos ao exame dos problemas da freguesia:

## Manta Rota

Os interesses turísticos de Cacela pertencem exclusivamente à Junta de Turismo privativa, que arrecada e gasta como melhor entende as receitas que lhe correspondem, porque o Presidente da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, se tem limitado a emitir parecer sobre o respectivo orçamento, para efeitos de aprovação pelo Secretariado Nacional da Informação, sem nunca lhe opor o mais pequeno entrave, ou discordância. Talhou

(CONCLUI NA 3.ª PÁGINA)

## Noticias Pessoais

Aniversários

Fazem anos:

Hoje — Menina Maria Luisa Baptista Peres.

Em 19 — D. Maria Fausta Teixeira Tello, D. Maria do Nascimento Mendonça Bernardo, D. Irene da Silva Lança, D. Maria Carlota de Oliveira Cruz, menina Maria Virgínia Laranjo Correia, srs. Fernando Dário Bandeira Carvalho, João Amaro Fausto e José João Guerreiro Conceição.

Em 20 — D. Felisbela Cabrinha. Em 21 — D. Maria Lucília Gomes Aboim, D. Maria Lídia Coimbra Fagundes, D. Maria Tomé Pinto Corvo, D. Alzira Nascimento Dias e sr. Sebastião Ribeiro Galvão.

Em 22 — D. Maria Adelina Neto Pereira, D. Laura Vaz e D. Maria Celeste Palmilha.

Em 23 — D. Alzira Matos Amaro e sr. Dr. Rogério Pires Peres.

Em 24 — D. Maria Natália Ribeiro Galvão Cansado e D. Joaquina Custódia de Oliveira.

## Partidas e Chegadas

Esteve nesta cidade o nosso assinante sr. António Gonzalez, distinto mecânico, residente em Faro.

Com sua família, partiu para Lisboa, onde fixou residência, o nosso assinante sr. José da Fonseca Sequeira, que durante alguns anos foi gerente da fábrica de Pimentão da Alentejana, L.ª

Em serviço profissional, encontra-se no Algarve, com sua esposa, o nosso conterrâneo e amigo sr. Júlio Jorge Domingues, inspector da Alfândega de Lisboa.

No goso de licença encontra-se nesta cidade o sr. Luís Ribeiro, nosso conterrâneo rádio telegrafista do Ministério da Marinha.

Regressou de Grandola o sr. António Rodrigues C. Rosa.

A fim de assistir ao casamento de seu irmão partiu para Lisboa, o sr. António Seita Valente, comerciante, nesta cidade.

De visita a sua família encontra-se nesta cidade o nosso conterrâneo sr. Nicolau de Matos, 1.º sargento, residente, em Ota.

## Doentes

Encontra-se bastante doente Mle. Maria Manuel Pessoa Chaves Ortega.

Tem tido sensíveis melhoras a sr.ª D. Gertrudes Pires Peres, esposa do nosso assinante sr. Francisco de Paula Peres, conceituado comerciante e proprietário, nesta cidade.

## Neurologia

Com 83 anos de idade, faleceu na sua residência, sítio do Pereiro, em Alcoutim, no dia 8 do corrente, o sr. José Dias, proprietário.

O extinto era pai do nosso assinante sr. Joaquim Dias, comerciante, nesta cidade, e do sr. Francisco Dias, empregado no comércio.

A família enlutada, a expressão do nosso pesar.

Em 15 do corrente, faleceu em Lisboa, na Estrada da Buraca, n.º 24, Benfca, o sr. José Dias Alcantara, casado, proprietário, de 74 anos.

O extinto era pai da sr.ª D. Hortense Dias Sequeira, esposa do sr. José de Fonseca Sequeira, nosso presado assinante, que durante largos anos residiu nesta cidade.

No dia 15 do corrente, faleceu nesta cidade, o nosso assinante sr. José Francisco Nolasco, de 64 anos de idade, negociante de carnes.

Deixa viúva a sr.ª Rita Nolasco.

O seu funeral que se realizou na tarde do dia 16 do corrente foi uma grande manifestação de pesar tendo-se nele incorporado algumas centenas de pessoas pois o falecido gozava de gerais simpatias.

A família enlutada endereçamos sentidos pesames.

## Despedida

José da Fonseca Sequeira, ex-empregado da fábrica de pimentão «A Alentejana, Lda.», neste concelho, tendo retirado para Lisboa, e, na impossibilidade de o poder fazer pessoalmente, vem por este meio despedir-se de todas as pessoas suas amigas, oferecendo-lhes os seus préstimos na sua residência na Estrada da Buraca, n.º 24, em Benfca.

## Despedida

Maria Amélia Matos Peres, na impossibilidade de poder fazê-lo pessoalmente, vem por este meio apresentar cumprimentos de despedida a todas as pessoas amigas e oferecer a sua nova casa, em Parede, Vivenda Amora — Rua Dr. Miguel Bombarda.

## VENDE-SE

CAREPA de milho, tratar com Manuel de Lima, Conceição — Tavira.



# As Aspirações de Vila Nova de Cacela

(CONCLUSÃO DA 2.ª PÁGINA)

ela como entendeu e quiz, e não é certamente à Câmara ou aos habitantes de Vila Real que se deve pedir contas do bom ou mau que fez e do que deixou de fazer.

Quanto ao «Casalinho» sei apenas, como qualquer outra pessoa, que as obras paralizaram nos alicerces. O assunto foi levado com tal sigilo que se pretendeu até ocultar da Câmara Municipal o projecto da obra, que, como o de qualquer outra que se execute dentro do Concelho, devia ser submetido à sua apreciação e aprovação. Veja-se, por aqui, até onde a Junta de Turismo pretende que chegue a sua autonomia.

Diz-se que a obra foi embargada pela Direcção de Hidráulica e que o Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo negou a participação.

Ainda que isso pareça contrariar extraordinariamente o articulista, só a Junta de Turismo poderá satisfazer a sua curiosidade e a dos leitores, não só neste ponto, mas também quanto aos motivos por que entendeu não dever abrir o Casino na passada temporada e quanto ao pedido feito às autoridades para procederem contra quem criticasse a medida.

Devo acrescentar ainda, para esclarecimento das pessoas a quem o sr. Cabanas possa ter induzido em erro, que as obras feitas na Praia de Monte Gordo foram custeadas por empréstimo, cujos juros e amortizações figuraram durante 15 anos no orçamento da Zona de Turismo de Vila Real e não pesaram portanto sobre as receitas camarárias.

Se em Cacela não podem fazer-se obras de igual vulto isso quer dizer que a importância e portanto as possibilidades de uma Praia e da outra são inteiramente diferentes.

Entende-se na Câmara de Vila Real — embora isso possa parecer mal a alguns — que nos 9 ou 10 quilómetros de litoral marítimo do concelho não é lícito criar e fomentar, com fins turísticos, mais do que uma praia. Todos os seus esforços convergirão, portanto, para a de Monte Gordo, que o público e as entidades competentes consideram de primeira categoria.

Todas as outras obterão do erário municipal diminutos auxílios, exclusivamente com carácter assistencial.

E' o que sucede com a zona de banhos da Ponta de Santo António, junto à foz do Guadiana, de frequência infinitamente superior à da Manta Rota, na qual a Câmara Municipal apenas construirá no próximo ano um caminho — não uma estrada — para facilidade de acesso às muitas centenas de pessoas das classes menos abastadas da Vila, que, não podendo suportar as despesas elevadas da estadia em Monte Gordo, ali acorrem diariamente para que a seus filhos não falte a terapêutica balnear.

Quanto à betuminação da estrada da Manta Rota, julga-se que outros problemas devem merecer primazia, como, por exemplo, a água e a iluminação. O movimento da estrada não justifica que tão elevada despesa se faça por enquanto.

## Estradas Municipais

Ou o articulista do «Povo Algarvio» não tem o amor que diz à sua Cacela e não seguiu com interesse o que por lá se tem feito nestes últimos 20 anos, ou então procede de má fé.

Desde os tempos de execravel memória de que acima falei, em que nem sequer pela estrada nacional se podia ir de automóvel de Vila Real a Cacela, até hoje, sofreram grande reparação as seguintes estradas da freguesia: Manta Rota, Igreja, Santa Rita e Pocinho, tendo esta última sido prolongada até ao limite do Concelho, isto é, à Corte de António Martins. Isto, que se diz tão depressa, representa a totalidade das estradas municipais da freguesia.

Foram estas reparações feitas

entre 1928 e 1940, podendo asseverar-se, sem receio de desmentido, que não havia Concelho algum do Algarve, ou do País, que tivesse então as suas estradas em tão magnífico estado.

Apesar de só agora um ou outro concelho se nos poder aproximar, e de já algumas delas começarem acusar o longo tempo de serviço a que têm estado submetidas, estou em dizer que, ainda hoje, o Concelho de Vila Real de Santo António pode pedir, neste capítulo, comparação com qualquer outro, desde que ela envolva o estado geral de todas as estradas existentes. Por outras palavras: pode haver concelhos que tenham uma outra estrada recentemente reparada e esteja melhor do que as nossas; terá em compensação muitas outras quasi intransitáveis, o que entre nós não sucede.

Foram também reparados, pelo menos, os seguintes cominhos: Cevadeiras à Portela; da estrada da Manta Rota ao Alto; da Fábrica de Cerâmica ao limite do Concelho; do Muro à Passagem de Nível da Marcela.

E' de notar ainda que todos os anos a Câmara Municipal gasta não poucos contos de reis em pequenas reparações, arranjo de bermas, valetas, etc..

Não sendo necessário tornar a fazer, por enquanto, grandes reparações, nem por isso as pessoas que estão na direcção dos assuntos municipais deixaram de se preocupar com as comunicações da freguesia.

Foram mandados elaborar projectos de 6 caminhos municipais cujos orçamentos totalizam a quantia de Esc. 701.547\$20.

Foi conseguida a inclusão de três deles no plano bienal de 1948/49, mas, infelizmente, só há bem poucos dias foi participado o da «construção do Caminho Municipal entre a passagem de nível de Marcela e Laranjeiras» com a quantia de 36.300\$, cuja execução começará muito brevemente.

Como a participação das obras não está dentro das atribuições da Câmara Municipal julgo que, ninguém, com conhecimento de causa e boa fé, a pode acusar de negligência, ou inacção, no que à freguesia e neste capítulo, se refere.

Um último ponto não posso deixar sem reparo: a afirmação de que os melhoramentos de estradas de Cacela se devem exclusivamente à acção do Senhor Augusto da Silva Reis, quando fez parte de uma vereação.

Devo dizer que não está em causa a personalidade do Senhor Silva Reis, de quem muito me preso de ser amigo e a cujas qualidades me apraz prestar homenagem.

A verdade, porém, é que nem o Senhor Reis, pelas funções oficiais que exerce em Faro, podia ter tão preponderante acção dentro da Câmara de Vila Real, nem ele, sózinho, poderia obstar a que as outras pessoas que o acompanhavam na administração municipal, todos vilarrealenses, se opuzessem à execução dos mencionados benefícios em Cacela, se existisse o tal abandono propostado que à gente de Vila Real se quer assacar.

## Águas

Não há ninguém que não saiba que a freguesia de Cacela é pobríssima em água e que a pouca que há é de extraordinária dureza e portanto pouco própria para o consumo humano.

As Câmaras de Vila Real preocuparam-se do assunto em todos os tempos e assim encontramos poços públicos, que eu conheço, nos seguintes lugares: Poço Velho da Bornacha, na Canilha, no Fonte Santa, em Santa Rita, no Ribeiro do Cordovil, nas Laranjeiras, na Quinta de Manuel Alves, na Cabeçada e no Pocinho.

A água é pouca e má, como já disse, mas não pode deixar de reconhecer-se que a abertura destes poços e o contínuos trabalhos de afundamento que se têm rea-

lizado representam da parte da Câmara Municipal um propósito porfiado de resolver o problema.

Durante a minha permanência na Câmara, procedeu-se mais uma vez ao afundamento do Poço Velho da Bornacha, onde se gastaram 10.000 escudos tendo-se conseguido uma apreciável melhoria na quantidade de água obtida.

Há pouco tempo, satisfazendo pedido feito pelo Rev. P.º Teramoto, foi estudado com o Engenheiro Director da Urbanização de Faro o possível aproveitamento de uma cisterna existente no sítio da Igreja. Embora reconhecendo que, sob o ponto de vista técnico e sob o aspecto geral, o problema tinha um interesse muito restrito, a Câmara só o poz de parte após o reconhecimento da sua inexistência, visto a cisterna ter apenas uma capacidade de 30 m<sup>3</sup>.

Ainda que muita gente não sabia, não ficou em simples promessa o que se transcreveu do Plano de Actividade de 1947. O Eng.º Pinto da França, autor do projecto de abastecimento de água a Vila Real, Monte Gordo e Castro Marim, visitou quasi toda a freguesia, tendo chegado a conclusões desanimadoras quanto às possibilidades aquíferas do terreno. Por sua indicação abriu-se um poço de exploração no Ribeiro do Cordovil, mas os resultados foram, infelizmente, totalmente desanimadores; não só a água apareceu em pequena quantidade, como era detestável em qualidade.

O muito trabalho que os negócios camarários roubam a quem tem de os dirigir e as dificuldades que os problemas apresentam — só quem os trata pode avaliar bem — não têm permitido que todos eles sejam simultaneamente tratados.

Quiz o acaso, porém, que, inesperadamente, no final do passado verão, aparecesse um manancial de água que, muito provavelmente, permitirá resolver bem aquilo que, pelo visto, se julga uma utopia: o fornecimento de água em boas condições à dispersa população da freguesia.

A abertura de um poço na Quinta de Cima, já no Concelho de Tavira, mas nas proximidades do limite com o Concelho de Vila Real, deu origem ao descobrimento de um fortíssimo manancial de água — de caudal superior a 1.500 m<sup>3</sup> diários — que aparentemente é de boa qualidade e que, dada a elevada cota do terreno, é provável que possa ser conduzido até à Venda Nova, alimentando portanto com facilidade, postos abastecedores da freguesia, ao longo da estrada Nacional.

O estudo das pesquisas e captação deste manancial foram imediatamente incluídos no plano de obras do próximo ano e foi já obtida a promessa de participi-

pação dos trabalhos pela repartição competente.

A confirmar-se a potência do manancial é muito provável que à Câmara seja possível, até, facilitar o regadio nalguns hectares de terra, o que representaria vantagem muito apreciável para a freguesia e para os respectivos proprietários.

## Electrificação

Também este importantíssimo assunto tem preocupado a Câmara de Vila Real, desde há muito tempo e cada vez mais.

Bastou que se estabelecesse, há cerca de dois anos, a hipótese de ser trazida uma linha de alta tensão para abastecer Vila Real, para que se tivesse mandado estudar a respectiva ligação à Venda Nova, Manta Rota e Monte Gordo. Os projectos respectivos foram rapidissimamente elaborados de forma a permitir que dessem entrada, como deram, em Setembro de 1948, na Direcção Geral dos Serviços Eléctricos.

Se não fosse terem-se malgrado as negociações entre a Aliança Eléctrica do Sul e a Electro Fabril, neste momento Cacela teria já, ou estaria prestes a ter, energia eléctrica. Ainda não deixaram de se realizar estudos e diligências para atingir o fim desejado, sendo improvável, no entanto, que a solução venha a aparecer antes da terminação do contrato de concessão da Electro Fabril, dentro de três anos.

## Escolas Primárias

A alusão do sr. Cabanas e várias reclamações que constantemente têm aparecido sobre este delicado assunto obrigam-me a transcrever aqui o conteúdo dum officio há pouco tempo enviado às entidades superiores, pois da sua leitura ressalta claramente a razão porque continua paralizada a construção dos edificios escolares da Venda Nova:

«Em relação com os officios da Repartição de Estudos de Urbanização n.ºs 9.858 e 10.537, Proc.º U-212, datados respectivamente de 20 de Outubro findo e 15 do corrente, entendo esta autarquia dever levar ao conhecimento de V. alguns elementos de elucidação que julga indispensáveis para que o assunto a que se referem possa ser justamente resolvido».

1 — O empreiteiro das Escolas de Cacela pediu à Câmara Municipal, como lhe incumbia, nos termos do preceituado no Código Administrativo, as cotas a que devia obedecer implatação das mesmas.

2 — Feito o estudo do assunto pelo agente técnico de engenharia Amado Mendes, então ao serviço da Câmara foram-lhe fornecidas as cotas pedidas: 60 centímetros abaixo do nível natural do

terreno para a escola situada a poente da rua A e 60 centímetros acima do terreno, no local da implatação, para a situada a nascente do mesmo arruamento.

3 — Deste estudo do técnico camarário existe documento, que V. conhece, do qual sobressai que nunca houve intenção de planificar o terreno, como a V. informaram e consta de officio dirigido a esta Câmara pela Secção de Evora da Delegação para as Obras de Construção de Escolas Primárias.

Nenhum dos técnicos que têm examinado este documento — e já foram muitos — o condenou, de modo que ele não pode deixar de ser considerado, tecnicamente, bem elaborado.

4 — A Câmara Municipal não cabe qualquer responsabilidada na execução dos edificios em cotas diferentes das fornecidas ao empreiteiro. Não lhe foram expostas quaisquer dificuldades, de ordem técnica ou financeira, que tivessem surgido para a construção se fazer nas cotas dadas. Também, pela Direcção Geral dos Edificios e Monumentos Nacionais, lhe não foi pedida qualquer intervenção ou auxilio no sentido de remover ou resolver quaisquer dificuldades resultantes daquelas cotas.

5 — Igualmente lhe não cabe responsabilidade de que as obras só tenham paralizado depois de estarem bastante adiantadas.

Foi convidado o empreiteiro, verbalmente primeiro e depois por escrito, a vir a esta Câmara esclarecer o assunto, mas foram funcionários da Direcção Geral dos Edificios e Monumentos Nacionais que, apesar do officio da Câmara que lhes foi apresentado pelo empreiteiro, despreocupadamente ordenaram a este que prosseguisse na execução dos trabalhos, fazendo caso omisso do conteúdo do mesmo officio.

6 — Não pode também ser imputada culpa a esta Câmara de que, ainda nessa altura, os funcionários da Direcção Geral dos Edificios e Monumentos Nacionais tenham resolvido não explicar a atitude assumida e as razões porque não tinham sido observadas as cotas fornecidas, dando com isso lugar à intimação para paralização dos trabalhos.

7 — O prosseguimento dos trabalhos no edificio situado a nascente da rua A é ainda da exclusiva responsabilidade do funcionário da Direcção Geral dos Edificios e Monumentos Nacionais a cargo de quem está a fiscalização da obra, que, como consta de documento existente nos arquivos desta Câmara, a isso foi autorizado, para evitar paralizações desnecessárias, em face de declaração por ele feita de que a implantação do referido edificio estava em conformidade com a cota estabelecida, o que só muito posteriormente se verificou não corresponder à verdade.

8 — O Arranjo Urbanístico de Cacela é da exclusiva responsabilidade da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, tendo sido mandado elaborar com o fim de integrar os edificios escolares dentro de uma ordenação urbanística que servisse de base ao nucleo populacional representativo da freguesia, até aqui completamente disperso e disseminado. Pensava-se e pensa-se, fomentando este desenvolvimento urbanístico com a pesquisa e captação de água potável, que em toda a freguesia é muito escassa.

9 — A lamentável atitude dos funcionários da Direcção Geral dos Edificios e Monumentos Nacionais causou a esta Câmara tanto maior estranheza, quanto é certo que sempre colaborou e generosamente contribuiu para a resolução dos problemas da construção de escolas dentro do Plano dos Centenários.

Tendo-lhe sido sugerido, para que o edificio de 6 salas existente na sede do Concelho adquirisse grandiosidade e beleza, o abandono do projecto-tipo que se adoptou por todo o País, a Câ-

## Leilão de Penhores

Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência

CASA DE CRÉDITO POPULAR

AGÊNCIA N.º 49

TAVIRA

Avisam-se os mutuários que no dia 5 de Fevereiro próximo futuro, pelas 10 horas, se procederá na Filial desta Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, em Faro ao leilão de todos os penhores cujos contratos tenham o pagamento de juros em atraso mais de três meses.

A Agência receberá juros em dívida até ao dia 30 de Janeiro de 1950.

Repartição da Casa de Crédito Popular, em 13 de Dezembro de 1949.

O CHEFE DA REPARTIÇÃO,

a) Francisco Cordeiro



mara Municipal prontificou-se, sem regateios, a satisfazer 400 contos—dos quais 230 pagos directamente pelas suas receitas—para a execução de uma obra cujo orçamento montava a 570 contos.

No caso das escolas de Cacela, se se lhe tivesse demonstrado que a urbanização prevista no Arranjo exigia um volume de aterros e desaterros que não cabia dentro do orçamento da obra, o caso teria sido estudado e solucionado, dentro do mesmo espírito de compreensão e de um critério de objectividade que nas resoluções camarárias nunca faltou e que o comportamento anterior deixava facilmente antever que desta vez também não faltaria.

10—Apesar de não lhe responder a mais leve responsabilidade na situação criada, não tem esta autarquia poupado esforços e despesas para encontrar a solução conciliatória que permitisse, com o menor dispêndio possível para a entidade responsável, salvaguardar a pureza do trabalho urbanístico que tinha mandado elaborar e deseja executar e o bom aspecto que aos dois edifícios escolares não deve faltar.

Todas as soluções já apreciadas, dentro de um critério de aproveitamento integral do volume de obra existente, conduzem a um aleijão do Arranjo Urbanístico, mais ou menos hábilmente disfarçado. Não creio que qualquer delas possa merecer a aprovação de V. porque representariam, guardado o devido respeito, verdadeiras heresias urbanísticas. Esta Câmara também as não pode aceitar por isso e ainda porque representam a anulação completa do pensamento que presidiu à sua elaboração.

11—Do muito que já há escrito, desenhado e, sobretudo, dito sobre este assunto, parece poder-se concluir que a única solução possível e viável será aquela que conduza à elevação do pavimento e de todos os outros elementos do edifício situado a nascente da rua A, de forma a conseguir-se o conjunto harmónico e equilibrado que a praça projectada exige. Não se fixam números para esta elevação, porque eles devem ser condicionados pelo rebaixamento do pavimento que fôr possível dar ao edifício situado a poente da citada rua A.

A Câmara Municipal tomaria sobre si os encargos do movimento de terras que esta solução possa acarretar, que faria parte de um projecto de urbanização a elaborar e a apresentar. Não lhe pode ser pedido, porém, que suporte, em qualquer medida, as despesas de construção civil a que outros escusadamente tiveram dado lugar.

Eis o que se me oferece levar ao conhecimento de V. para um exacto esclarecimento do assunto e para que o pensamento desta Câmara não continui ausente na resolução que deva ser adoptada, ficando à disposição de V. para documentar quanto fica dito, se fôr entendido necessário.

Qualquer comentário seria inoportuno.

#### Assistência

A Câmara Municipal não tem deixado de prestar assistência aos habitantes das duas freguesias. Em Vila Real e Monte Gordo distribuem-se com carácter permanente umas 400 rações diárias de sopa e pão, e, no passado inverno, devido à pavorosa crise existente entre a classe piscatória fez-se uma distribuição suplementar a igual número de crianças e velhos de Monte Gordo.

Daqui se vê que a afirmação do sr. Cabanas sobre o pretendido sustento dos pobres de Monte Gordo pelos habitantes de Cacela é pura fantasia. Não digo que ali não apareçam alguns desses inveterados pedintes que chegam a toda a parte, mas daí a generalizar o assunto—sobretudo na forma em que se fez—vai grande distância.

Devo dizer que mais de uma vez foi preconizado que uma distribuição de sopa se fizesse em Cacela, com o auxílio da Câmara, facto que se não deu apenas

## FUTEBOL À LAVOURA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

não é atribuível a ninguém, em especial. Muito pelo contrário, Luís, Helder e Madeira apresentam-se-nos em boa recuperação, nomeadamente Helder, que se creditou de uma óptima exibição. Os outros não estão piores do que no início da época.

Quanto a nós, o mal vai na ligação defeituosa, no individualismo excessivo, perniciosamente implantado na técnica do Lusitano, e que aumenta, de jogo a jogo.

Germano, por exemplo, um óptimo jogador, combativo, de bom «dribling», bem proporcionado, perde muita oportunidade útil, com a exagerada propriedade de bola, que se arroga.

Outro reparo, que nos parece justo, foi a troca de Luís com o extremo direito, em tarde e momento satisfatórios. Confessamos, humildemente, que não compreendemos o motivo, nem o plano que determinaram tal estratégia hermética. Eminência, por exemplo, tem sido protagonista de idêntica tática, no Olhanense, mas trata-se de um jogador políapto, com uma adaptação excepcional a todos os lugares, e, ainda, com «acalo» e decisão, o que não vemos, por ora, em Luís. Para mais, Cabrita está a dar boa conta da missão central, o que permite folgar um pouco o titular.

No Elvas, de maior poder físico, equipa que faz sentir o «peso» no terreno, o espectáculo produzido não foi melhor. A tarde de domingo, foi francamente deficiente, para ambos os grupos, em especial, no que respeita ao nível técnico:—Pouca unidade, nenhuma associação, ausência de passe colocado, foram as características infelizes de uma partida infeliz.

Quanto ao juiz de campo, o óptimo trabalho, que impôs, foi diminuído pela concessão da penalidade, que deu a vitória aos nossos vizinhos. Não o acusamos de má-fé, mas de simplicidade, ao tomar como boa a comédia que Germano levou a efeito, numa tentativa audaciosa, para forçar o resultado final, de outro modo bastante comprometido.

Fique a vitória graciosa deste domingo como quietamento da derrota injusta de Coimbra, e... não se fale mais nisso.

Olhão será, esta tarde, teatro de um

R. C.

## RELÓGIOS

A aquisição de relógio que não seja de marca garantida, o prejuízo é total!

Das seguintes marcas, toma-se inteira responsabilidade, não só na qualidade como no preço, quer tabelado quer não, o que casa alguma pode competir devido aos habituais descontos sobre as condições de compra:

Internacional Watch, Omega, Tissot, Zenith, Cortebert, Amyria, Sergines, Aureos, Cyma, Zoty, Sorel, Zinal, Record, Titus, Longines, Watez, Viergines, Titan, Douglas, Argus, Dogma.

**OURIVESARIA MANSINHO - Tavira**

por causas locais que o Presidente da Junta de Freguesia não conseguiu remover e poderá explicar. Creio, porém, que entre elas avultará o não haver em Cacela quem se preste a contribuir, como em Vila Real, com auxílio pecuniário e pessoal para que esta modalidade de assistência possa ser um facto.

Se o sr. Cabanas quizer vir aqui aos sábados e domingos poderá comprovar pelos seus próprios olhos quantos pobres de Cacela e Castro Marim são assistidos por esta «miserável» gente de Vila Real.

Muito mais haveria a dizer se não tivesse já que me desculpar perante V. do espaço roubado, que, sendo muito, não alcança contudo o que foi utilizado pelo sr. Cabanas.

Resta-me apenas agradecer a V. a publicação desta carta, com a qual dou por definitivamente encerrado o assunto que me obrigou a escrevê-la, lamentando que, por motivo de saúde, ela não possa chegar a tempo de ser inserida no último número do jornal, como tanto houvera desejado.

Apresento a V. os meus cumprimentos e os protestos da minha mais elevada consideração. Vila Real de Santo António, 12 de Dezembro de 1949.

A BEM DA NAÇÃO

O Presidente da Câmara, interino,  
José Ortigão Gomes Sanches

**Trabalhos Mecânicos:—**  
**Charruações e Gradeações,**  
**com grade de 28 discos.**  
**Trata — Joaquim Pires**  
**Cruz — Tavira.**

### ROCHA - Alfaiate

TAVIRA

O mais completo dos Alfaiates

FATOS A FEITO COM FORROS  
DE SEDA PARA CASAMENTOS

Preços especiais para os sócios das Casas do Povo de Santa Catarina, Santo Estevão, Luz e Conceição.

A MÁXIMA PERFEIÇÃO EM TODOS OS TRABALHOS.

E' época de voltar sobretados ou transformar em Samarras, ficando completamente como novos.

Francisco do Nascimento Rocha

ALTO DO CANO

(Junto á ponte do Cam.º de Ferro)

### VENDE-SE

PREDIO urbano com dois pavimentos, quintal e varanda, no sitio da Igreja, Conceição.

Tratar com António Simões, no mesmo sitio.

Este número foi visado pela Delegação de Censura.

dos mais belos jogos deste campeonato:—Olhanense-Braga. Os «tigres do Norte», como já lhes chama a imprensa sensacionalista dos grandes jornais, vão ter adversário condigno e resolutivo, nos «tubarões do Sul», dispostos a vender cara a visita.

«Pode tanto cada um, em sua casa...», como dizia o velho Marquês, que nos atrevemos a arriscar a vitória algarvia.

**DELICIOSOS LICORES**  
**DAS MAIS AFAMADAS MARCAS**

**MARAVILHOSOS VINHOS ESPUMANTES NATURAIS**

O afamado **VINHO VERDE DA QUINTA DOS VALES**, em garrações

Unico representante no Concelho da excelente  
**GINJINHA ESPINHEIRA**

São estes os melhores brindes para a quadra do Natal

A preços de concorrência encontram V. Ex.ª a venda no

**CARÉ IMPERIAL**

Rua José Pires Padinha — TAVIRA



### GUANO DE PEIXE

Vende Cristovão Olimpio Viegas, Olhão.

Amostras e preços vêr no escritório do Solicitador Carmo Peres, em Tavira.

### Prédio

Com frente para a Av. Dr. Mateus Teixeira de Azevedo, N.º 12, e Rua Dr. Miguel Bombarda, N.º 9 e 11. Vende-se.

Trata José Viegas Mansinho — Tavira.

## J. A. Pacheco

TAVIRA

Fábricas de moagem de  
Farinha espoada e ramas

### PANIFICAÇÃO MECÂNICA

Uma maquinaria completa aliada a um escrupuloso fabrico fazem com que os produtos das fábricas

**J. A. PACHECO**

Tenham a consagração do público que os consome.

TELEFONE 13

APARTADO 13

## REGRA DE BOM VIVER

**Quereis economia?**

Fazei as vossas Compras na

**COMPETIDORA**

de José Augusto Neves

Praça da Republica, 28-29 — TAVIRA

**POIS SERÁ A FORMA DE SER ECONÓMICO**

O Proprietário desta casa resolveu fazer umas diferenças de preço em todos os seus artigos até ao fim do corrente ano, tais como em:

Casemiras nos melhores padrões de todos os bons Fabricantes.

SORRUBECOS E TRICOTS

que tem como exclusivo, em todas as cores e óptimas qualidades a PREÇO DO FABRICANTE

ESCOCEZES, CASACOS DE SENHORA, CREPES DE LÃ E COBERTORES

CAPAS ALENTEJANAS—CHAPELARIA

ASSIM COMO EM TODOS OS ARTIGOS DE ALGODÃO

SALDO DE FATOS FEITOS, SAMARRAS E SOBRETUDOS

Aproveite V. Ex.ª a oportunidade de comprar

POIS FARÁ ECONOMIA

### Júlio Sancho

Médico-Radiologista

ROENTGENDIAGNÓSTICO  
TOMOGRAFIA  
ELÉCTROTHERAPIA

Mudou o consultório para a

Rua Castilho, 37

TELEFONE 368 FARO

### COMPRAM-SE

Objectos antigos tais como: Móveis, Quadros, Louças, etc..

Também se compra, em Tavira, Prédio de habitação ou terreno para sua construção.

Tratar com: Liberto M. Conceição.

### CARLOS PICOITO

ADVOGADO

Avenida da Republica, 120-122

TELEFONE 128

FARO

Consultas em Tavira, às quintas-feiras, no escritório do solicitador Carmo Peres